

# Jornal denuncia tráfico de órgãos de migrantes africanos

O JORNAL francês "Libération" de sexta-feira passada destaca na sua capa uma reportagem sobre o tráfico ilegal de órgãos humanos que se aproveita da situação precária de migrantes dispostos a vender um rim para financiar uma travessia em direcção à Europa.

"Temos dois rins, não é mesmo. Disseram-me que eu poderia viver com um só e eu precisava do dinheiro", contou o jovem Alghaliy, de 29 anos, ao "Libération" no Egipto. "Propuseram-me 5000 dólares (cerca de 300 mil meticais). Você entende o que isso representa para alguém como eu?", explicou o sudanês, que acabou sendo enganado.

"Fizeram-me entrar numa sala de cirurgia de uma clínica de luxo de Cairo. Naquela hora, fui muito bem recebido. Fui para a anestesia geral, e quando acordei, já tinham me levado de volta para casa. Fiquei vários dias deitado com dores terríveis. Ainda sangrava um pouco e tinha difi-

culdades para respirar", relatou Alghaliy.

O jornalista conta que o jovem, sem documentos, chegou ao Cairo através de um esquema de tráfico humano que leva sudaneses, etíopes e eritreus a Israel e Europa. Pouco após chegar à capital egípcia, Alghaliy caiu nas mãos de traficantes de órgãos, que com os contrabandistas desenvolveram um negócio lucrativo de venda de rins.

Mas a promessa financeira para convencer os migrantes nunca é cumprida. "Deram-me 1500 dólares (cerca de 92 mil meticais) e ameaçaram-me caso reclamasse. Nunca mais os vi", lamentou o jovem sudanês.

## MILHARES DE VÍTIMAS

Como ele, são milhares de vítimas que acabam sem forças para continuar o caminho do sonho europeu. Na sede do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) no Cairo, o fluxo de

peças operadas clandestinamente é tão grande que os responsáveis não conseguem ajudar como gostariam.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) o Egipto é um dos países que mais sofre com transplantes ilegais de órgãos, ficando atrás somente da China, Filipinas e Índia. Um dos motivos seria a legislação local que proíbe a retirada de órgãos de forma legal, por motivos religiosos.

Para o professor Mohamed Ghoneim, entrevistado pelo jornal, "há uma vontade do Estado de acabar com tais práticas. Seria preciso sair das polémicas culturais e religiosas e permitir o acesso aos órgãos de pessoas falecidas".

A reportagem do "Libération" conclui contando-se que o jovem Alghaliy pensa agora em doar parte do fígado para pagar o seu retorno ao Sudão. -(RFI)

Notícias; Internacional. 08.08.2019, Pág. 36  
Ed. 30. 745.